

Era Nova

Propriedade da Empresa da «Era Nova»

Comp. e imp. na tip. de F. Marinho — Barcelos

Redacção e administração:
Campo de S. José, 91
ADMINISTRADOR,
Manoel da Silva MatosASSINATURAS:
Trimestre (correu) \$30 — Semestre
\$72 — Ano 1\$44 — Avulso \$03
ANUNCIOS:
Cada linha \$03 — Repetição \$02

Orgão do Partido Republicano Democrático

DIRECTOR E EDITOR — António J. Marques d'Almeida

CINCO ANOS . . .

A Republica Portuguesa completou o seu primeiro lustro.

Proclamada pela vontade do povo — nem de outro modo se podem edificar as democracias — tem ela triunfado sempre de todas as dificuldades que na sua vida, já gloriosa, tem encontrado, batendo também em retirada os seus inimigos que, para perturbarem a sua acção salvadora sobre uma Patria que agonisava na lama, têm recorrido dia a dia á intriga, á infamia, ao crime.

Não combatem a peito descoberto. Têm tentado ferir a Republica por meio da traição. Nem assim têm feito triunfar os seus movimentos criminosos, com os quaes sempre procuraram aniquilar a Republica e trair a Patria.

E, afinal, os adversarios das instituições que felizmente nos governam, só têm conseguido com os seus torpes estratagemas, consolidar de cada vez mais o regimen republicano em Portugal.

A obra da Republica tem sido monumental.

E, com prazer o dizemos, muitas vezes tem tido applausos e louvores na imprensa estrangeira. Não admira.

O que se tem feito em prol da Patria é simplesmente grandioso.

O primeiro acto notavel do regimen, consistiu em dar á nossa querida terra uma Constituição Política cheia de liberdade.

Na Instrucção Publica

os progressos têm sido extraordinarios.

Na monarchia, que deixou inumeras escolas fechadas e ao abandono, os analfabetos contavam-se por tres quartas partes da população do paiz. Hoje temos o ensino primario obrigatorio, crearam-se mais de mil escolas, e o professorado foi atendido em todas as suas justas reclamações.

Sob o ponto de vista financeiro, o paralelo a fazer, é também cheio de gloria para a Republica. Outr'ora, antes de cinco de Outubro de 1910, a divida publica era de perto de 900:000 contos. Havia o desequilibrio orçamental, e tinham sido desperdiçados 30:000 contos em ilegalidades vergonhosas. . .

Sob a Republica a divida flutuante externa foi amortisada em 10:000 contos, conseguindo-se o equilibrio do orçamento geral do Estado.

O exercito e a marinha tinham sido desorganizados pela monarchia.

Os fortes estavam sem artilharia, os quadros eram reduzidos. A armada tinha sido votado ao maior abandono.

Hoje o serviço militar é obrigatorio havendo mais de 100:000 homens prontos para a guerra.

As nossas forças navaes foram aumentadas: temos mais quatro contratorpedeiros e um submarivel.

No que diz respeito ás nossas relações internacionais, as instituições republicanas têm-nos engrandecido aos olhos do estrangeiro.

A nossa aliança com a Inglaterra tem sido fortalecida com os governos da Republica, tendo-nos afirmado como nação independente e livre, com decidida vontade de caminhar e progredir.

E que fizera a monarchia? A maior das vergonhas.

Combinára secretamente com personagens d'outros paizes, para que as tropas estrangeiras invadissem Portugal, a fim de manter o trono e esmagar a revolução republicana.

Eis, a breve trecho, um paralelo entre o que foi a monarchia e o que tem sido a Republica,

*

Depois disto, os inimigos da Republica ainda continuarão com os seus manejos reaccionarios, com as suas revoltas carnavalescas?

E' possivel que assim suceda.

Embora. . . Nem por isso a Republica será abalada.

Está solida, está firme. E' indestrutivel.

Não serão os realistas portugueses que acabarão com o regimen que em cinco anos emancipou a consciencia nacional, e trouxe a liberdade ao mais belo paiz da Europa.

Não o deixa a Nação. Não o quer o Povo.

Domingos de Figueiredo

ADVOCADO

Escriptorio: Rua Direita

De: Eugenio de Castro

Rompimento

Mandas-me as prendas que te dei outrora;
Ahi vão aquellas que me deste um dia. . .
Seja! acabe-se tudo. . . e que a alegria
Doire essa gracil cabecinha loura.

Ahi vai o lenço onde, orvalhada aurora,
Choraste, uma manhã, quando eu partia,
E a mecha de cabelos, luzidia,
Dada em risonha, inolvidavel hora.

Ahi vão as rosas, onde a tus bôca
Poisaste, offavel, antes que m'as dêsses,
Certo dia em que eterno amor jurámos. . .

Nada mais tenho teu; é finda a troca,
Se o desejo não tens (ah! se o tivesses. . .)
De destruir os beijos que trocamos. . .

JOFFRE

Joffre nasceu em Rivesaltes, no departamento dos Pirineus Orientais, um dos mais pequenos da França. Rivesaltes é em importancia comercial e população a segunda povoação dessa comarca que pelos seus costumes e pela sua lingua se pode dizer tão catalã como francesa. A primeira é Perpignan.

Foi no liceu desta cidadezinha, que Joffre, depois de passar a sua infancia na terra natal — da que Gonzalez Blanco, um dos biographos de Joffre, diz que é um esconderijo cheio de majestade e de belesa solenne — fez o seu primeiro anno de estudo revalando logo o seu feitio de estudioso obstinado e as suas inclinações definitivas.

Os seus companheiros de infancia chamavam-lhe escauinhammente o *terrassier*. E' que para Joffre pegar em terra e pedras e fazer uma miniatura de casa, de fortaleza ou de *blockhaus* era o maior prazer deste mundo.

Dizem os seus biographos que Joffre nunca jogou á pedrada, como os rapazes da sua terra. Não será este detalhe biografal um traço focando a psychologia do general, o seu temperamento sem frenesim de combatividade, amigo da ordem e do metodo?

Quer me parecer que sim.

«Na guerra nada se improvisa. . . — disse Joffre. Esta frase, explicando em siatese as concepções guerreiras do generalissimo, retrata psicologicamente o homem.

Elle não tem a *vis fretante*, a pugnacidade ardente, a ebulição interior, a *ignis sacra* que aureolaram Marat, Kleber ou Condé. Joffre é a ordem, o metodo, a disciplina interior, a confiança serena, o equilibrio, a tecnica coada atravez do bom senso e de uma ternura paternal pelos seus soldados.

«*Je fremis en pensant aux souffrances que endurent nos vaillants soldats obligés le plus souvent de coucher dehors et ma pensée va sans cesser vers eux*» — escreveu um dia a sua esposa.

Estas tão expressivas palavras na sua sobriedade dão a medida de affectividade cheia de ternura e silhuetizam a sua alma de general moderno, afeiçoado aos que estão sob as suas ordens, sem sequidões nem arrogancias.

O occupador de Tombuctú, o condecorado de Courbet, o triunfador do Marne foi sempre isso. Chamam-lhe o «*taciturno*». Bem dita seja a sua taciturnidade que não é mais do que a exteriorização descauidada da sua serenidade interior, da sua concentração reflexiva e da sua modestia exteplar.

A patria dos generais espathafatosos e brilhantes, seuão fóra ella, estaria talvez agora — talvez? — irremessivelmente

CINCO DE OUTUBRO DE 1915

esmagada. Por falta de heroísmo? Não! Charleroy foi uma hecatombe.

Porquê, então? Por ausência de método, de organização, de ordem técnica e daquela pontualidade que certo príncipe alemão disse ser a qualidade substancial da sua raça e por falta da qual a França seria, no seu entender, inexoravelmente esmagada. A França confia absolutamente em Joffre. *Ecce homo!* disse ella depois do Marne. E ficou tranquilla. As gargantas que já gritavam, ofegantes, quando da retirada de Mons-Charleroy — *«Joffre? O que faz Joffre?»* — emudeceram calaram-se. A alma da França reencontrou o ritmo da serenidade interior.

Por isso ella espera confiadamente a victoria final, unida, silenciosa, calma engulindo lagrimas que Eskilo transfigurava em tragedias imortais, com uma dignidade, uma compostura tão lindas e harmoniosas como o sorriso, a graça alada e a *griserie* incomparavel que a endemoninhavam galantemente antes de, nas cristas dos Vosges, o *Chantecler* gaulês ter erguido para o sol o seu bico e lançado ao espaço a pastoral do seu canticó de aurora e de batalha.

Não é esmaltada de grandes feitos a carreira militar deste grande general com o qual esta guerra — a maior de todos os tempos — apenas revelou ainda dois que possam honrar: Hindenburg e o grão-duque Nicolau, ha pouco substituído por Alexieff no commando supremo dos exercitos russos em operações contra os austro-alemães. Joffre foi sempre fóra como estudante: uma criatura modesta, contente de exercer honestamente a sua função, de pertencer-lhe fielmente. e, de resto, com uma grande aversão indefinida pelo *tohu-bohu* da politica e das exhibições cabotinescas.

Quando um anno antes de estalar a guerra foi feito presidente do conselho superior da guerra — lugar para o qual a França apontava a figura prestigiosa de Pau, o decepado de 1870 — o que correspondia ao grau de generalissimo, muita gente, de boa fé, perguntou: quem é esse Joffre? Com effeito pouca gente o conhecia, quasi ninguem. A notoriedade que a occupação sensacional de Tombuctú e a sua acção contra os *tuzegs* lhe deu havia annos, por volta de 93 ou 94, esvaíra-se totalmente. Joffre não especulou com ella para a converter em permanente evidencia.

Os serviços que prestára, sendo capitão, na campanha da Indo-China — e que Courbet e Meunier devidamente louvaram e galardoaram — tinham sido esquecidos. Sabia-se ape-

Patria! — Sobre o teu solo, uberrimo e sagrado, onde o Sonho floria em roseiras de gloria, quando Sagres abria as portas do *Ignorado* caminho da victoria...

Quando, povo de herois, nas frageis caravelas partia para além do Mar, vencendo o Mar... Vencendo o Medo, a Fome, Horrores e Procelas, a rezar e a cantar...

A cantar a esperança, a crença que ilumina a vida, o amor que prende os corações aos astros... Olhos postos na luz que subia, divina, sobre os esguios mastros...

Patria! — Que foste grande e abriste rumo á vida do Velho-Mundo, para um Novo-Mundo ser... Vias-te agora ai miserima, perdida, na ignominia a morrer!

Morriss!.. Não morrestel! o povo ergueu os braços para a luz que ilumina as victorias supremas, e reduziu a cinza, a poeira, a estilhaços, trono, prisões e algemas!

Ficaste livre, em fim! Vamos, da Liberdade faz sempre um alto idial de justiça e de amor! E que te envolva a luz do Sonho e da Bondade num doce resplendor!

Que jamais o teu céu de ignominia se cubra e a planta da Traição sobre o teu solo nasçal! Vamos, bandeira ao alto e sempre verde-rubral Revive, para a gloria, alma da Lusa Raça!

José Augusto de Castro

nas que fóra professor de fortificação em Fontainebleau, membro do *comité* tecnico de engenheiros e director geral do *genie*, governador militar de Lille e, finalmente, chamado por Cuillaux — eis um serviço que forçoso é reconhecer a este politico — ao conselho superior da guerra.

E', pois, singelissima a biographia militar deste homem a cujos talentos militares está confiada a defesa da França, pode dizer-se da Europa, contra o militarismo prussiano. Porque foi elle o escolhido, não sendo, como se saba, um militar com uma carreira fulgurante, nem, sequer, um politico?

O instinto da França adivinharia, num rasgo de clarividencia, neste homem de queixos *bull-doquicos* o seu homem? Seja o que fór. O que é facto é que desde agosto do anno passado que toda a França pensa nelle, reza por elle, delle se orgulha e nelle confia, para elle pedindo as iluminações do *genio* e da boa sorte. O que é facto é que nas suas mãos está o destino das armias francesas e com elle o da França e da latinidade ameaçadas.

Ecce homo. O mundo descobre-se diante do seu vulto. Eu quando vejo, no *ecran* de um cinematografo ou na pagina de uma revista, de um jornal ou de um livro, a figura já por todos nós familiar de Joffre sinto, subitamente, e sempre, um enternecimento profundo. Como deve viver graves, religiosas, intensas horas esse homem que no seu coração sente os arquejos, as ofegações, os suspiros, o tremor, os nervos de toda a sua raça que não quer ser vencida!

Uma tremenda responsabi-

lidade pesa sobre os seus hombros solidos. Como esse peso deve esquecer-lhe o orgulho, santo Deus! O mundo descobre-se diante do seu vulto. O espectro de Napoleão ergue-se envolto nas brumas de Waterloo, para saudar este homem que vingou já nas planuras do Marne a ridiculez tragica de Napoleão *le petit* — o Tartarin de 70. Senhores! Joffre é o guardião da França. Bastaria isto para que todos os latinos o venerassem.

Desde que se soube, no demais, que este homem, que venceu a maior batalha da historia, apenas quer como re-compensa aos seus feitos que o deixem, acabada a guerra, no recanto tranquillo do seu lar ouvir suas filhas tocar musica, á noite, longe do ruido do mundo, todos o adoram como a um avôsinho.

Joffre é grande — até na modestia. Só Plutarco seria capaz de traçar para a posteridade o seu perfil. Não sei se é o *representativ man* de Emerson, o herói de Carlyle, o super-homem de Nietzsche. O que sei é que é, em todo o rigor do termo um homem.

«Tinha-se acostumado a combater sem colera, a vencer sem ambição, a triunfar sem vaidade. Mais atrevido para agir do que para falar, resolutivo, determinado no intimo, mesmo quando parecia preocupado com o exterior...

Estas palavras que Bismet dedicou a Turenne são, como lucidamente nota Gonzalez-Blanco, o retrato vivo, impressivo e exacto do generalissimo Joffre.

Houve alguma vez homem mais sagaz e providente — a-

rescenta o bispo de Meaux, fazendo o panegirico do grande marechal — que dirigisse uma guerra com mais ordem e juizo; que tivesse mais precauções e mais recursos; que fosse mais activo e empreendedor e, ao mesmo tempo, mais inhibitivo; que melhor dispozesse todas as coisas para o seu fim e que deixasse amadurar as suas empresas com tanta paciencia. Estas palavras dão os traços psicologicos, gerais, de Joffre. Retratam-no. Definem-no.

E' por isto que muitos criticos — alguns dos quaes militares — o teem comparado a Turenne, é tambem porque a-quele retrato do marechal se ajusta a Joffre que neste depositam como disse o «Central News», em 27 de novembro do anno passado, uma absoluta confiança quasi todos os generais inglezes ás suas ordens e, sobretudo, os melhores deles: French, Hamilton e Douglas Haig.

Por isso ainda confia nesse homem — sobre quem Blasco Ibanez disse algures que decança todo o peso da nação — a alma anciosa, dolorida e, todavia, iluminada da fé no triumpho da França inteira.

Nesta hora terrivel, polarizada em esperança viva e essa viva certeza moral de que a victoria nada viu, a França, cuja carne e cuja alma sa-gram ainda das chagas abertas em 70, trabalha, trabalha febrilmente e sem cessar, unida e forte, nas officinas, nos lares, nos hospitais, nos campos, para dar Joffre e aos seus *foilus* o que elles precisam para a salvar.

Longe vão aquelles tempos em que Flaubert, interpretando de certo modo o sentir efemero da França intellectual e artistica, podia estadear o seu *en-fichisme* de atleta burguezofobo. A união sagrada é um facto. Nas trincheiras, *sur le front* muitos vinte anos intellectuais teem já derramado pela patria o seu sangue com a abnegação e a candura heroica dos pobres camponezes da Bretanha ou dos petralhões do Senegal.

Os que pintavam a França como uma nação decadente, intoxicada irremediavelmente pelo *maxixe* e pelas voluptuosidades requintadas, devem a estas horas estar, por certo, confundidos e esmagados.

Não é preciso recorrer á Alemanha para se ver e admirar essa juventude, que, intellectualizada, não se desraizou e desintegrou da realidade palpante da patria.

Só no Yser morreram milhares de estudantes das universidades e das escolas alemães, tambem na frente da batalha francesa a mocidade intellectual da França, tem, ao lado dos servos de gleba, e com elles confundido, batido e morrido. A esta *union sacrée* preside Joffre com a sua intelligencia, a sua inergia e o seu patriotismo. Por isso — senhores — ao mesmo tempo que Maurice Bairos chama ás victorias do Marne o «milagre do Marne», toda a França, com os labios d'alma, chama a Joffre o grande taumaturgo.

Bourbon e Meneses

Irmãs de caridade

Diz um telegrama de Paris que o imperador da Russia concedeu a ordem de S. Jorge á irmã de caridade Ivanovna, que, na frente da batalha, commandando tropas slavas momentaneamente sem chefe, se apoderou heroicamente de uma trincheira alemã. Desde que principiou esse formidavel «match» Hindenburg - Grã-Duque - Nicolau, os jornais russos queixam-se todos os dias das atrocidades alemãs, e os jornaes alemães verberam quotidianamente as barbaridades russas. O crime dos exercitos germanicos mais asperamente censurado pela imprensa de S. Petersburgo é precisamente o crime dos exercitos slavs condemnado com mais ardor pela imprensa de Berlim: o fuzilamento de enfermeiras, de irmãs de caridade, — de mulheres. O caso de Ivanovna vem agora explicar-nos que se os russos e os alemães fuzilam com frequencia mulheres — é por que essas mulheres se batem como homens. Devemos louval-as? Não. Devemos condenal-as. Por mais bela que seja o ato de bravura que acaba de merecer de Nicolau II a cruz de S. Jorge, — ele representa uma violação das leis da guerra e uma inversão das leis da humanidade. Não é para matar que as irmãs de caridade são chamadas aos campos de batalha: é para salvar. O seu heroismo não consiste em morrer espalhando a morte, — mas em morrer espalhando a vida. Ivanova ficará na historia dos exercitos russos como a melhor das suas heroínas, — e como a peor das suas irmãs de caridade.

Julio Dantas

Prontas a deixar a frente da batalha

Ao passo que as aves de arribação, em geral, tem sofrido com a guerra sensíveis desvios nas suas correntes migratorias, as andorinhas appareceram na primavera passada com admiravel regularidade nas regiões do costume.

Comovia ver como as meigas e gentis avesinhas iam fazer os seus ninhos na frente da batalha e pipilar as alegrias do Himeneu no meio do troar pavoroso de canhão! E por lá passaram toda a primavera e o verão, juntando-se agora aos primeiros frios do outono, em grandes bandos que se desviam pousadas ao longo dos fios telegraficos, como rosarios fantasticos, para a vez dos «guias» se fórem de abalada para as regiões mais quentes.

De: The Illustrated London News

Bernardino R. de Souza
Solicitador encartado
Campo da Feira, 57-BARCELOS

Reportagem semanal

Dr. Augusto Monteiro

De Lisboa, aonde foi assistir á posse do illustre Presidente da Republica Portugueza, regressou a esta vila o talentoso parlamentar sr. dr. Augusto Monteiro. Umprimntamos S. Ex.^a.

De quem é a culpa?

Somos adversarios politicos insistentes da actual vereação municipal.

Não quer isto dizer que não applaudiremos as medidas que acaso venha a tomar em beneficio do concelho.

Até agora nada temos visto.

Ao contrario.

As ruas de Barcelos, por exemplo, encontram-se n'um estado simplesmente vergonhoso. De quem é a culpa?

Do calceteiro? Da camara que lhe deu longo prazo para as pôr decentes?

No primeiro caso a camara terá que chamar aquelle á ordem.

Na segunda hypothese conquistou a vereação o diploma de ignorante—em assuntos desta natureza.

Como se encontram, as ruas e: são intransitaveis.

Manoel da Silva Matos

Partiu para o Brazil, aonde foi tratar de negocios particulares, o nosso querido amigo e prestantissimo correligionario sr. Manoel da Silva Matos.

Fazemos sinceros votos para que em breve regresso a esta vila, em que goza das maiores e mais justificadas simpatias e aonde conta inumeros amigos e admiradores.

Acto

Na Universidade de Coimbra fez acto da cadeira de *Historia de Direito Portuguez*, obtendo plena aprovação, o intelligente aluno da Faculdade de Direito, sr. Luiz de Matos Graça.

Ao distinto academico e a sua ex.^a familia apresentamos os nossos cumprimentos.

Casamento Elegante

Na passada segunda-feira realizou-se na Repartição do Registo Civil, o venturoso enlace do Ex.^{mo} Sr. Marcos José Teixeira Leite Ribeiro Correia Pinto Lameirão (Valado), cavalheiro da mais fina sociedade portuense, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Elisa Maria de Menezes Verney de Castro Casado Geraldes Cardoso e Silva (Godim), gentilissima filha dos illustres Viscondes de Godim.

A cerimonia religiosa deve

terlogar, segundo nos consta, na Capela particular dos nobres titulares.

Aos noivos desejamos uma peregrina lua de mel.

Nomeação

Foi nomeado delegado do Procurador da Republica na Ilha de Santa Maria, o sr. dr. Antonio Baltazar Pereira, filho do sr. José Claudio Pereira Baltazar, escriptão de direito nesta comarca.

Abel Pego Fiuza

Tivemos o prazer de nesta vila abraçar o nosso querido amigo Abel Pego Fiuza.

Sua Ex.^a parte brevemente para Inglaterra, onde vae cursar engenharia na Royal University London.

Ao nosso particular amigo desejamos mil venturas, fazendo votos sinceros para que em breve regresso a Portugal.

Concurso

Está em Lisboa prestando provas de concurso para secretario de finanças de 3.^a classe, o sr. Antonio Emilio Roriz de Azevedo, nosso amigo e patricio e aspirante de finanças na secretaria deste concelho.

Folgamos com a sua aprovação.

Consorcio

Apoz o casamento civil realizou-se hontem em Remelhe o matrimonio do Ex.^{mo} Sr. Antonio de Souza Barroso, professor oficial e ajudante do posto do registo civil desta freguezia, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Cristina Macedo Pinheiro, professora da freguezia de Goios.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Pelo Professorado...

A camara de Barcelos deve, desde já, aumentar os ordenados dos professores

Nenhum assunto tem merecido á Republica tantos cuidados, como o da Instrução Publica.

Causa principal do desenvolvimento das sociedades modernas, a Instrução tem feito consideraveis progressos em Portugal, após a data inolvidavel e cheia de gloria de—5 de Outubro de 1910!

Nesse momento em que a Patria quebrou—para sempre!—as cadeias horribes que a oprimiam, iniciou-se em a nossa terra um periodo de verdadeira reconstituição nacional, tendo feito as instituições vigentes progre-

dir extraordinariamente a Instrução.

E, assim, na legislação da Republica encontram-se disposições que vieram beneficiar altamente a situação do professorado primario.

Está neste caso o § 6.^o do artigo 13 do Decreto de 11 de Setembro de 1915.

Esta disposição, que é uma medida da mais alta justiça, veio fazer com que as Camaras Municipaes aumentassem os ordenados dos professores de Instrução Primaria.

Entre outras, já tomaram deliberações neste sentido, as Camaras de Viana do Alemtejo, Fundal e Porto.

A camara de Barcelos aqui lembramos a conveniencia de seguir o mesmo caminho, pois, estamos certos de que o digno professorado do concelho—que muito honra a nobre classe a que pertence—lhe merece esse pequeno sacrificio, se sacrificio se lhe pode chamar.

A lei diz que os ordenados devem ser aumentados.

E, a lei tem de cumprir-se.

Falecimentos

Com avançada idade, faleceu nesta vila o sr. Antonio Felisberto Pixoto da Fonseca, pai do nosso patricio, sr. Paulo Felisberto Pixoto da Fonseca, acreditado banqueiro no Rio de Janeiro.

Tambem faleceu o sr. Joaquim José Barbosa, acreditado negociante nesta praça.

Os sinos

Nuncaos *augustos bronzes* desta terra se fizeram ouvir tanto, ora nos seus dobres, ora nos seus repiques festivos.

Parece-nos que o caso requer alguns momentos de atenção.

E, assim, pedimos á muito digna autoridade administrativa que mande regular os toques dos sinos nos termos do artigo 59 do Decreto de 20 de Abril de 1911.

E' de justiça...

Pela sociedade

Fazem nos:

No dia 1—o sr. Adolpho Cibrão.

No dia 3—o sr. Eduardo Idilio Vieira Ramos.

No dia 5—a ex.^{ma} sr.^a D. Isabel Candida Marques d'Azevedo.

No dia 7—o sr. Antonio Carmona.

—Com cinco dias de licença, tem estado entre nós o nosso querido director, sr. Antonio Allino Marques d'Azevedo, digno commissario de policia e administrador do concelho de Braga.

—Da praça d' Ancora, regressou a esta vila, o sr. dr. João August d'Oliveira Pinto, distintissimo caudico nesta comarca.

—Vimos nesta vila, o sr. José de Mafalhões Chaves,

digno secretario de finanças em Vila Pouca de Aguiar.

—Esteve nesta vila, o sr. Eduardo da Silva Lima.

—De Espozende regressou á sua casa da Lama, com sua ex.^{ma} esposa, o sr. Albino Martins Dias de Faria, digno professor naquela freguesia.

—Tem estado entre nós, o nosso patricio sr. Eugenio Azevedo, digno secretario de finanças na Povoia de Lanho-so.

—Com sua avó a ex.^{ma} sr.^a D. Ludovina de Carvalho esteve no Porto o sr. Adelio Carvalho da Silva, distintissimo academico do curso complementar dos Lyceus.

—Nesta villa esteve o sr. Anibal Duarte d'Azevedo.

—Vimos nesta villa com sua ex.^{ma} familia, o sr. Leopoldino Rainha, digno farmaceutico na Povoia do Varzim.

—Para Lisboa partiu o sr. Antonio Emilio Roriz Azevedo, digno aspirante de finanças.

—Regressou da Apulia o sr. Aurelio Lamela, intelligente aluno do curso Lyceal.

—Para Coimbra partiu o sr. Luiz de Matos Graça, distinto aluno da Universidade.

—Para o Brazil partiram os srs. Manoel da Silva Matos, nosso querido administrador e correligionario e Vital João de Souza.

—Nesta vila estiveram os srs. Antonio Vila Chã Pinheiro, de Fão e tenente ajudante do Distrito de Recrutamento e Reserva n.^o 8, srs. Manoel Oliveira.

—Estiveram em Braga, os srs. Julio Cesar de Lima e José Joaquim da Silva.

—No Porto esteve o sr. Sebastião Pereira de Brito.

—De Braga regressou a esta vila, o sr. Fernando Moreira.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

2.^a publicação

Pelo juizo de direito da comarca de Barcelos e cartorio do escriptão do quarto officio Monteiro,

correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este anuncio no Diario do Governo a citar Joaquim Bento, Albino Bento e José Bento, todos solteiros, maiores, auzentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para, na qualidade de interessados no inventario orfanologico a que se procede por obito de Constantino José Bento ou Constantino Bento d'Aldeia, casado, que foi da freguezia de Villa Cova e em que é inventariante Rosa de Miranda, da mesma freguezia, assistirem a todos os termos até final do mesmo inventario, sem prejuizo do seu regular andamento.

Barcellos, 24 d'agosto de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Monteiro

O escriptão ajudante do 4.^o officio

Illydio Lopes

ACABA DE APAREGER

O sonho das crianças

POR

Maria Pinto Figueirinhas

E' um livrinho de contos com uma linda capa e muitas gravuras. Eis o titulo dos 7 contos: «O talismán precioso». «O anel da Rainha». «O tear de ouro». «O castelo maravilhosos». «A Zaidinha». «A visão de um anjo». «O tocador de violino.»

Preço 10 centavos

PEDIDOS:—Companhia Portuguesa Editora, 119, R. do Almada ou Largo dos Loios, —14 Porto.

O CAPOTE ALEMTEJANO

FEITO EM EVORA na

CASA ALEMTEJANA

de Bernardo J. Naia

2—Rua João de Deus—6



E' o mais comodo e mais barato que se pode oferecer para os srs. viajantes; e o agasalho mais perfeito e completo que se pode usar contra o frio e chuva.

Todos os capotes d'esta casa são feitos com fazendas especiais e com forros de lã sendo tudo molhado antes de se confeccionar o capote.

Tem bastante roda para viajar de cavalaria e são feitos sobre a direção de quem verdadeiramente ha muitos anos só deste assunto tem tratado. Aceita-se devolvido o capote que não fôr á vontade do freguez e envia-se com porte gratis o que fôr em troca do primeiro.

Enviem-se amostras na volta do correio a quem no-las pedir. Todos os pedidos podem ser dirigidos á CASA ALEMTEJANA de Bernardo J. Naia —Rua João de Deus, 2 a 6—EVORA.

NOVIDADE SENSACIONAL

Rodolpho Matim

A CUERRA AEREA De Berlim a Bagdad

Tradução do capitão Moraes Rosa

1 volume de cerca de 250 paginas com uma capa allegorica a cores, preço \$30.

PROVINCIA FRANCO DE PORTE

A' venda na «A EDITORA»—Largo do Conde Barão 50, Lisboa e em todas as livrarias.

PORTUGAL

IMPORTANTE COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada. — Capital Esc. 1.600:000\$.

Agente em Barcelos:

José Vieira Veloso

NOVO DICCIONARIO

DA

LINGUA PORTUCUESA

Redigido em harmonia com os modernos principios da sciencia da linguagem, e em que se contém quasi o dobro dos vocábulos até agora registados em todos os dictionarios portugueses, além de satisfazer a todas as grafias legitimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquela que foi prescripta oficialmente em 1911.

NOVA EDIÇÃO

Essencialmente refundida, corrigida e ampliada com registro de mais 20:000 vocábulos aproximadamente

A 2.^a edição do «NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA» consta de 2 grossos volumes de cerca de 1:000 paginas cada um

A' venda em todas as livrarias e na

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

de **A. M. Teixeira & Comandita**

Praça dos Restauradores, 20—LISBOA

AS MULHERES DE BRONZE

Por **Xavier de Montépin**

Em publicação esta magnifica obra, composta de 3 pequenos volumes.

Concluida a sua publicação será distribuido um brinde a todos os assignantes, que constará de uma grande estampa colorida representando o Palacio de Crystal do Porto.

Assigna-se na casa editora Belem & C.^a Successores—Rua do Marechal Saldanha, 16—Lisboa.



ESTÁ Á VENDA

Vinhos vinhas e prados

POR

A. Venancio Pacheco

Preço 600 reis.



NOVIDADE LITERARIA

NUN'ALVARES

e o snr. Dantas

Jonsura d'um «Cardenal d'abo»

Resposta historica ás accusações feitas pelo snr. Julio Dantas ao Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, por AUCUSTO FORJAZ.

Um volume, illustrado, \$20. Em todas as livrarias. Pedidos á Livraria Ferin, 70 Rua Nova do Almada, 74—Lisboa

ACABA DE APARECER

A' RODA DE PORTUGAL

por José Agatinho

1 vol. de 470 paginas Preço br. 50 centavos. enc. 70.

«A Roda de Portugal» constará de 2 vol. de 470 paginas cada um. Está publico o 1.^o volume que é uma obra encantadora. «O Primeiro de Janeiro», disse o seguinte:

«A Roda de Portugal» é um livro para artistas e um livro para patriotas, um livro para eruditos e um livro para o povo. A linda terra portuguesa, com os seus monumentos e com as suas paisagens, com os seus heroes e com as suas glórias, resplandece em cada pagina com um fulgor desusado entre nós, numa homenagem sobriamente romantizada, em que as personagens, fantasiadas dentro da maior verdade, vão dramando não só noções limpidas e rapidas sobre sciencias naturaes e principalmente sobre os melhores inventos modernos, como sobre hygiene, educação civica, moral, etc.

Ao mesmo tempo, o leitor é empolgado, a cada passo, por brilhantes e enterneidas descrições, e por um estilo, em geral cristalino e simple, embora tambem frequentemente colorido com um vigor de inolvidavel originalidade.

O seu autor pensou e sentiu-o de toda a sua alma, compatriota e como artista, conseguindo oferecer neste talvez a sua verdadeira obra-prima, e valorizado, como nenhuma, pela mais elevada devoção ao tradicionalismo nacional.

O LIVRE PENSAMENTO

A E. de Victoria Pereira

JULGAR DEUS

TRABALHO D'ALTA TRANSCENDENCIA FILOSOFICA

A verdade, a razão e a sciencia esmagando os preconceitos biblicos e os dogmas absurdos das religiões que tem dominado o mundo e entravado o progresso.

A luz flamejando numa era nova, libertando o espirito mulher e da creança da tutela nefasta dos jesuitas e das congregações religiosas.

Titulos dos capitulos: — Divagando—Onde principia e onde acaba Deus—A preocupação da humanidade—A Biblia a Historia e a Filosofia—A terra segundo os sabios—Os eruditos do Deus Biblico—O diluvio dos hebreus—A Biblia é o livro mais imoral que ha—Julgamento do Deus da Guerra—Eureka! Jerichó—O Egito historico até ao exodo do povo de Moysés—Filosofando—Filosofando e continuando—Deuses e religiões—Autos de fé, tormentos, morticínios e assassinios em nome do Deus cristão—A separação da igreja do Estado.

O livro é dedicado ao eminente homem d'Estado o illustre cidadão Dr. Afonso Costa, e é uma homenagem ao grande propagandista republicano Dr. Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa, á Maçonaria mundial e aos livres pensadores.

Um volume em 8.^o brochado e com os retratos dos personagens a quem é dedicado!!

Preço: \$20, custo da edição. — A' venda em todas as livrarias. — Pedidos de assinaturas, revenda, ou grandes encomendas a Luiz Pereira—Jogo da Bola—Obidos.

A AGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIENCIAS, FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL

Director literario, Dr. Teixeira de Pascoais.—Director artistico, Antonio Carneiro.—Director scientifico, Dr. José de Magalhães.—Secretario da redacção, editor e administrador, João Pinto.

Correspondentes:—Paris, Philéas Lebesgue.—Salamanca, Manuel de Unamuno.

Propriedade de «A Renascença Portuguesa»

PREÇOS (Pagamento adiantado) Portugal, avulso 510 e mestre, \$50. Ano, 1\$00.—Africa e India, \$12; \$30 e 1\$2.—Espanha, 60 ct.; 3 pesetas e 6 pesetas. — Estrangeiro, 60 ct. francos e 6 francos.—Brasil, \$50, 6\$00 e 6\$00 (francos).

PREÇO dos anuncios (por publicação) 1 pagina, na capa 4. Alem do texto, 3000. — 1/2 pagina, 2\$20 e 1\$60. — 1/4 a pagina, 1\$2 e \$90

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importancia. A cobrança é á custa do assinante.

DEPOSITARIOS—No Porto—Livraria Chardron de Leiz e Irmão, Carmelitas; Em Coimbra, F. França & Armenio Amado; Em Lisboa, Livraria Ferreira, Rua Aures.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Bahia e Santos; na Africa, em Louanda, Catumbella e Lourenço Marques; na India, em Nova Góa.

Redacção e administração—R. da Alegria, 218, Porto.

Tipografia—Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27 Porto

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario da redacção.

TYPOGRAPHIA E ENCADERNAÇÃO

DE

FERNANDO MARINHO

Premiado com medalha de prata na Exposição Agricola e Industrial de Barcellos de 1903

RUA DO INFANTE D. HENRIQUE, 61 A 65 — BARCELLOS

Imprimem-se, com a maxima perfeição e rapidez, cartões de visita a 200, 240, 300, 360 e 400 reis o cento, bem como: rotulos a cores, circulares, facturac envelopes, prospectos de varios formatos e gostos, programmas para festividades, jornaes, etc. Para cartões de visita manda-se mostruario de typos a casa do freguez.

Encaderna-se, com solidez e por preços baratissimos, toda a qualidade de livros desde a encadernação mais simples á mais luxuosa, não havendo n'esta villa competidor n'estes trabalhos. Livros de notas para tabelheas, em branco para commercio, confrarias e juntas de parochia, pastas, cartoeiras, etc., etc.